

MOHSIN HAMID

Como ficar podre de rico na Ásia emergente

Tradução

Sonia Moreira



Copyright © 2013 by Mohsin Hamid
Direitos mundiais reservados ao proprietário.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

How to Get Filthy Rich in Rising Asia

Capa

Aashim Raj

Reproduzida com a permissão da Penguin Books India

Preparação

Julia Bussius

Revisão

Luciana Baraldi

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hamid, Mohsin

Como ficar podre de rico na Ásia emergente ; Mohsin Hamid ;
tradução Sonia Moreira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2014.

Título original: How to Get Filthy in Rising Asia.

ISBN 978-85-359-2465-7

1. Ficção paquistanesa (Inglês) 1. Título.

14-05162

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura paquistanesa em inglês 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. Mude-se para a cidade grande

Olha, um livro de autoajuda é um oxímoro, a menos que você seja o autor dele. Você lê um livro de autoajuda para que alguém que não é você lhe ajude, sendo esse alguém o autor. Isso vale para o gênero autoajuda como um todo. Vale, por exemplo, para livros da linha “como fazer”. E vale também para livros de desenvolvimento pessoal. Alguns poderiam dizer que vale até para livros de religião, embora outros possam declarar que os que dizem isso deveriam ser atirados no chão, imobilizados e ensanguentados até a última gota com o lento deslizar de uma lâmina de um lado para o outro de suas goelas. Então, é mais sensato simplesmente registrar que há uma divergência de opiniões quanto a essa subcategoria e passar para a próxima o mais rápido possível.

Nada do que foi dito acima significa que livros de autoajuda sejam inúteis. Ao contrário, eles podem ser muito úteis. Mas significa que o conceito de “auto” na terra da autoajuda é instável, escorregadio. E escorregadio pode ser bom. Escorregadio pode ser prazeroso. Escorregadio pode oferecer acesso ao que arderia se fosse penetrado a seco.

Este livro é um livro de autoajuda. O objetivo dele, como diz a capa, é lhe ensinar como ficar podre de rico na Ásia emergente. Para isso, ele precisa encontrar você encolhido e trêmulo, no chão de terra batida debaixo da cama da sua mãe, numa manhã fria e úmida. A sua angústia é a angústia de um menino cujo chocolate foi jogado no lixo, cujos controles remotos estão sem bateria, cuja patinete está quebrada, cujos tênis novos foram roubados. E isso tudo é ainda mais espantoso porque você nunca na vida viu nenhuma dessas coisas.

O branco dos seus olhos é amarelo, em virtude do nível altíssimo de bilirrubina no seu sangue. A doença de que você padece chama-se hepatite E. A forma típica de transmissão do vírus que causa essa doença é por via fecal-oral. Hum, que delícia. Ela só mata uma a cada cinquenta pessoas, mais ou menos, então é provável que você fique bom. Neste exato momento, no entanto, você tem a nítida sensação de que vai morrer.

Sua mãe já viu muita gente no estado em que você se encontra ou, pelo menos, em estado parecido. Assim, talvez ela não pense que você vai morrer. Ou talvez pense. Pode ser que ela tema isso. Todo mundo morre um dia, e quando uma mãe como a sua vê num terceiro filho como você a dor que o faz choramingar debaixo da cama dela como você está choramingando agora, talvez ela sinta sua morte avançar algumas décadas, tirar o pano escuro e empoeirado que lhe cobre a cabeça e se instalar com intimidade, com os cabelos soltos e um sorriso lascivo, na casa de um único cômodo e de paredes de barro que a sua mãe divide com os filhos sobreviventes.

O que ela diz é: “Não nos deixe aqui”.

O seu pai já ouviu esse pedido dela outras vezes, mas nem por isso se tornou completamente insensível à reivindicação. Ele é um homem de apetite sexual voraz e, quando está fora de casa, pensa com frequência nos seios fartos e nas coxas grossas e rijas

da sua mãe e ainda anseia por se enfiar dentro dela toda noite, em vez de só em três ou quatro visitas por ano. Ele gosta do senso de humor atipicamente grosso da mulher e, às vezes, da companhia dela também. E, embora não seja dado a demonstrar afeto pelos filhos, ele gostaria de poder ver você e os seus irmãos crescerem. O pai dele extraía um prazer considerável do progresso diário das plantações nos campos e, nisso, pelo menos até onde o desenvolvimento das plantas é análogo ao das crianças, os dois homens se parecem.

Ele responde: “Eu não tenho dinheiro pra levar vocês pra cidade”.

“A gente podia ficar no alojamento dos empregados com você.”

“Eu divido o meu quarto com o motorista. Ele é um filho da puta de um punheteiro peidorrento, que fuma que nem chaminé. Nenhuma família mora no alojamento dos empregados.”

“Você agora está ganhando dez mil. Você não é mais um homem pobre.”

“Na cidade, quem ganha dez mil é pobre.”

Ele se levanta e sai andando. Você o acompanha com os olhos e vê as sandálias dele de couro desatadas atrás, as tiras balançando livremente, os calcanhares calejados, duros, cascudos como crustáceos. Ele passa pelo vão da porta e vai para o pátio aberto que fica no meio do conjunto de moradias de sua família extensa. É pouco provável que ele se demore ali, contemplando a árvore solitária que dá sombra e conforta no verão, mas agora, na primavera, ainda está dura e desgrehada. É possível que ele saia do conjunto e tome o rumo do outeiro atrás do qual prefere defecar, se agachando bem e fazendo força para expelir o bolo intestinal. É possível que ele esteja sozinho, ou não.

Ao lado do outeiro há uma vala avantajada, de profundidade equivalente à altura de um homem, no fundo da qual corre um

regato magro. Naquela estação, os dois estão desproporcionais, como um prisioneiro esquelético de um campo de concentração vestindo a roupa de um confeitoiro obeso. Só brevemente, durante a monção, é que a vala chega perto de se encher e, mesmo assim, isso tem acontecido com menos regularidade do que no passado, por depender de correntes atmosféricas cada vez mais instáveis.

As pessoas da sua aldeia se aliviam num ponto do regato abaixo do lugar em que elas lavam as roupas, o qual, por sua vez, fica abaixo daquele onde elas bebem água. Mais acima, a aldeia que vem antes da sua faz a mesma coisa. Subindo mais um pouco, até onde a água emerge das colinas como um riacho às vezes borbotoante, parte do manancial é empregada nos processos industriais de uma fábrica de tecidos velha, enferrujada e vagabunda, e outra parte é utilizada para escoar o eflúvio cinza e fedorento que resulta desses processos.

Seu pai é cozinheiro, mas apesar de ser um profissional razoável e de vir do campo, ele não é uma pessoa obcecada com o frescor nem com a qualidade dos ingredientes que usa. Para ele, cozinhar é uma arte que se faz com temperos e óleo. A comida dele arde na língua e entope as artérias. Quando olha seu entorno, ele não vê folhas crocantes e frutinhas peludas para fazer uma salada exuberante, nem talos bronzeados de trigo para moer na pedra e fazer um balão divino de pão chato assado na chapa. Ele vê, em vez disso, unidades de labuta extenuantes. Vê horas, dias, semanas, anos. Vê o trabalho por meio do qual um lavrador troca a sua parcela de tempo neste mundo por uma parcela de tempo neste mundo. Ali, no estonteante buquê da despensa da natureza, seu pai sente o cheiro da mortalidade.

A maioria dos homens da aldeia que agora trabalha na cidade volta para a colheita do trigo, mas ainda não é época para isso. Seu pai está ali de licença. Mesmo assim, é provável que ele pas-

se a manhã com os irmãos, cortando capim para servir de forragem. Vai se agachar de novo, mas desta vez com uma foice na mão, e vai repetir os movimentos de juntar-cortar-soltar-avançar vezes a fio, enquanto o sol também repete o seu próprio avanço gradual no céu.

Ali perto, uma única estrada de terra atravessa os campos. Se o dono daquelas terras ou os filhos dele passarem por aquela estrada em seus utilitários esportivos, o seu pai e os irmãos irão levar as mãos à testa, curvar-se bem e desviar os olhos. Naquela região, olhar fixo a um proprietário de terras vem sendo um negócio arriscado há séculos, talvez desde o início dos tempos. Recentemente alguns homens começaram a fazer isso, mas eles são barbudos e ganham a vida nos seminários religiosos. Andam com a postura ereta e de peito estufado. Seu pai não é um deles. Na verdade, ele os detesta quase tanto quanto detesta os proprietários de terra e pelas mesmas razões. Eles lhe parecem prepotentes e preguiçosos.

Deitado de lado com uma orelha apoiada na terra batida, você vê, da sua perspectiva de minhoca em pé, sua mãe ir para o pátio atrás de seu pai. Ela dá de comer à búfala amarrada ali, atirando dentro de uma gamela de madeira um punhado do capim cortado na véspera e misturado com palha. Depois, ordenha o animal enquanto ele come, fazendo jatos de leite baterem com força no fundo do balde de lata. Quando ela termina a ordenha, as crianças do conjunto, seus irmãos e primos, levam a búfala, o filhote da búfala e as cabras para o pasto lá fora. Você ouve o assobio das varas que eles agitam e pouco depois eles somem.

Suas tias são as próximas a sair do conjunto, equilibrando vasilhas de barro na cabeça para encher de água e levando roupas e sabão para lavar. Isso são tarefas sociais. O trabalho de sua mãe é solitário. Ela sozinha, as outras juntas. Não é por acaso. Ela se agacha como o seu pai, provavelmente está se agachando, com

uma vassourinha sem cabo na mão em vez de uma foice, seus movimentos de varrer-varrer-avancar reproduzindo os dele. Trabalhar agachado poupa energia, é melhor para a coluna e, portanto, ergonômico, e não é doloroso. Mas quando se fica assim durante horas, dias, semanas, anos, o leve desconforto que isso causa ecoa no cérebro como gritos sufocados vindos de uma câmara de tortura subterrânea. Pode ser suportado eternamente, desde que nunca seja admitido.

Sua mãe limpa o pátio sob o olhar atento da sogra. A velha está sentada na sombra, segurando a ponta do xale na boca para esconder não seus atributos físicos tentadores, mas sim a ausência de dentes, e observa a nora com um ar de desaprovação implacável. Sua mãe é considerada vaidosa, arrogante e turrona pelos moradores do conjunto, e essas acusações incomodam, pois são todas verdadeiras. Sua avó diz para a nora que ela esqueceu de limpar um canto. Como é desdentada e está segurando o pano entre os lábios, a velha parece cuspir enquanto fala.

Sua mãe e sua avó disputam um jogo de esperar. A mulher mais velha está esperando que a mais nova envelheça, enquanto a mais nova espera que a mais velha morra. É um jogo que ambas irão inevitavelmente ganhar. Enquanto isso não acontece, sua avó ostenta a autoridade dela quando pode, e sua mãe ostenta a força física de que dispõe. As outras mulheres do conjunto teriam medo de sua mãe, não fosse a existência tranquilizadora dos homens. Numa sociedade só de mulheres, sua mãe provavelmente galgaria à posição de rainha, com um cetro ensanguentado na mão e crânios esmagados debaixo dos pés. Ali, o máximo que ela conseguiu foi ser poupada, de modo geral, de provocações mais sérias. Mesmo isso, isolada como ela está de sua própria aldeia, não é de forma alguma uma vitória insignificante.

O que seu pai e sua mãe não dizem um para o outro é que, com dez mil por mês, ele poderia, com certo esforço, arcar com

a despesa de levar sua mãe e vocês, crianças, para morar na cidade. Seria apertado, mas não impossível. Atualmente, ele consegue mandar a maior parte do salário que recebe para a aldeia, onde o dinheiro é dividido entre sua mãe e o resto do clã. Se ela e vocês, crianças, fossem morar com ele, o fluxo do dinheiro de seu pai para a aldeia se reduziria a um fio d'água, que só iria ganhar volume, como o curso de água na vala, nos dois meses festivos, quando talvez ele recebesse bonificações e, com alguma sorte, não tivesse dívidas para quitar.

Você vê sua mãe fatiar um nabo comprido e cozê-lo no fogo da lareira. O sol dissipou a umidade e, mesmo doente como está, você não sente mais frio. Mas se sente fraco, e a dor nas entranhas lhe dá a sensação de que um parasita está comendo você vivo por dentro. Então, você não impõe resistência quando sua mãe levanta sua cabeça da terra e lhe dá o elixir dela às colheradas. O preparado tem cheiro de arrotos, dos gases que se formam na barriga de um homem, e lhe dá ânsia de vômito. Mas não sobrou nada dentro de sua barriga que possa ser vomitado, e você toma o elixir sem incidentes.

Enquanto você está deitado imóvel, um garotinho ictérico de aldeia, com um fio de suco de nabo escorrendo pelo canto da boca e formando uma pequena poça de lama no chão, ficar podre de rico deve parecer algo fora de seu alcance. Mas tenha fé. Você não é tão impotente quanto parece. Sua vez está chegando. Sim, este livro vai lhe oferecer uma outra opção.

O momento de decidir chega algumas horas depois. O sol se pôs e a sua mãe o levou para cima da cama, onde você jaz enrolado num lençol apesar de ser uma noite quente. Os homens voltaram dos campos e a família — todos menos você — comeu junta no pátio. Pelo vão da porta, você ouve o gorgolejo de um narguilé e vê o brilho das brasas no forninho quando um de seus tios traga.

Seus pais estão de pé ao seu lado, olhando para baixo. Amanhã seu pai vai voltar para a cidade. Ele está pensando.

“Você vai ficar bem?”, ele lhe pergunta.

É a primeira pergunta que ele lhe faz nessa visita, talvez a primeira frase que ele dirige diretamente a você em meses. Você está com dor e com medo. Então a resposta, por certo, é não.

No entanto, você diz: “Vou”.

E toma as rédeas do seu próprio destino.

Seu pai entende o resmungo e faz que sim com a cabeça. Depois diz para sua mãe: “Ele é um menino forte, esse daí”.

Ela diz: “Ele é muito forte”.

Você jamais vai saber se é a sua resposta que faz seu pai mudar de ideia, mas naquela noite ele fala para sua mãe que decidiu que ela e vocês, crianças, vão para a cidade com ele.

Eles fecham o acordo com sexo. Na aldeia, a cópula só é um ato privado quando praticada nos campos. Dentro de casa, nenhum casal tem um quarto só para si. Seus pais dividem o deles com todos os filhos, os três que sobreviveram. Mas, como é um quarto escuro, pouco se vê. Além disso, sua mãe e seu pai permanecem quase inteiramente vestidos. Nunca na vida tiraram a roupa para copular.

Ajoelhando-se, seu pai desamarra o cordão da própria calça. Deitada de barriga para o chão, sua mãe levanta a pélvis e faz o mesmo. Em seguida, leva o braço para trás para estimular seu pai com a mão, um gesto firme e direto, não muito diferente do que ela fez naquela manhã ao ordenhar a búfala, mas encontra-o já pronto. Ela se ergue e fica de quatro. Ele entra nela, apoiando-se numa das mãos e apertando os seios dela com a outra, ora para acariciar, ora para se segurar enquanto empurra o corpo para a frente. Eles se esforçam para não fazer barulho, mas ruídos musculares, impactos carnis, respiração entrecortada e sucção hidráulica continuam audíveis mesmo assim. Você e seus irmãos

dormem ou fingem dormir até os dois terminarem. Depois, eles se juntam a vocês na cama de sua mãe, exaustos, e em questão de segundos pegam no sono. Sua mãe ronca.

Um mês depois você está bem o suficiente para viajar com seu irmão e sua irmã no teto do ônibus superlotado que leva sua família e mais dezenas de outras, espremidas, para a cidade grande. Se o ônibus tombar ao fazer uma curva a toda na estrada, guinando para lá e para cá, numa competição louca com outros rivais igualmente apinhados para pegar o próximo grupo de possíveis passageiros e o próximo e o próximo, a probabilidade de você morrer ou, no mínimo, sofrer uma mutilação será extremamente alta. Essas coisas acontecem com frequência, embora nem de longe com tanta frequência quanto não acontecem. Mas hoje é seu dia de sorte.

Segurando cordas que em geral conseguem manter bagagens atadas àquele veículo, você testemunha uma passagem de tempo que supera seu equivalente cronológico. Assim como, quando uma pessoa rumo para as montanhas, uma mudança brusca de altitude pode fazê-la saltar da selva subtropical para a tundra subártica, uma viagem de algumas horas num ônibus de um fim de mundo rural para um centro urbano também pode parecer transpor milênios.

De cima de sua condução que cospe fumaça preta e aderna para boreste, você observa as mudanças com assombro. Ruas de terra dão lugar a ruas asfaltadas, buracos se tornam menos frequentes e logo quase desaparecem, o fluxo camicase de veículos na contramão some, sendo substituído pela paz imposta de uma estrada de mão dupla com canteiro central. A eletricidade aparece, primeiro de passagem, quando você cruza com uma tropa de gigantes de alta voltagem, depois na forma de fios estendidos dos dois lados da estrada na altura dos olhos de quem está no teto de um ônibus e, por fim, em postes de rua, letreiros de loja e glorio-

sos, magníficos anúncios luminosos. As edificações trocam o barro por tijolo e depois por cimento, e então ganham altura, atingindo inimagináveis quatro andares, ou até cinco.

A cada novo deslumbramento, você acha que chegou ao seu destino, que com certeza nada poderia corresponder mais ao seu destino do que o que está diante de seus olhos, mas toda vez você descobre que estava enganado, até que para de pensar e simplesmente se entrega às camadas de surpresas e de visões que o inundam como as torrentes de chuva que caem uma atrás da outra na monção como se nunca fossem parar, até que de repente param sem dar aviso, e então o ônibus estremece e para e você está por fim e irrevogavelmente lá.

Quando você, seus pais e seus irmãos descem do ônibus, vocês encarnam uma das grandes mudanças de seu tempo. Se antes seu clã era incontável, não infinito, mas numeroso a ponto de não se poder determinar de imediato quantos eram os seus membros, agora vocês são cinco. Cinco. Os dedos de uma única mão, de um único pé, um agrupamento minúsculo quando comparado com cardumes, bandos de pássaros ou mesmo tribos humanas. Na história da evolução da família, vocês e os outros milhões de migrantes como vocês representam uma contínua proliferação da família nuclear. É uma transformação explosiva: os vínculos protetores, sufocantes e estabilizadores com os membros da família extensa enfraquecem e se rompem, deixando atrás de si insegurança, ansiedade, produtividade e potencial.

Mudar-se para a cidade grande é o primeiro passo para ficar podre de rico na Ásia emergente. E agora você o deu. Parabéns. Sua irmã se vira para olhar para você. A mão esquerda dela firma a enorme trouxa de roupas e pertences que ela equilibra na cabeça. A mão direita segura a alça de uma mala surrada e rachada, provavelmente descartada pelo dono original mais ou menos na época em que seu pai nasceu. Ela sorri para você e você retribui

o sorriso; os rostos de vocês dois são pequenas figuras ovais do familiar num mundo de resto irreconhecível. Você acha que sua irmã está tentando tranquilizá-lo. Não ocorre a você, jovem como é, que seja ela que precise ser tranquilizada, que ela o procura não para reconfortá-lo, mas sim em busca do conforto que você, o único irmão mais novo recém-recuperado que ela tem, é capaz de oferecer a ela naquele frágil momento de vulnerabilidade.